



DCO
TERÇA-FEIRA



Entrevista
"A grande imprensa não é uma opositora ao bolsonarismo"
O DCO entrevistou Jonas Carreira, filiado ao PT e formado em história, com pós-graduação em ciência política
LEIA NA PÁGINA B1

O PT pode perder em São Paulo? Haddad vencerá a máquina eleitoral do PSDB em SP?



Com uma fraca campanha e aliado aos políticos mais odiados dos paulistas, que perderam feio as últimas eleições, podemos esperar vitória? – Foto: Reprodução
LEIA NA PÁGINA A2

PCO
PARTIDO DA CAUSA OPERÁRIA

- facebook.com/pco29
- instagram.com/pco.29/
- twitter.com/PCO29
- **Youtube: CausaOperariaTV (Canal Reserva)**
- pco.sorg@gmail.com
- [tel./wp: 11 99741-0436](tel://1199741-0436)

FILIE-SE AO PCO:
PCO.ORG.BR

O caso do PCO

Como o TSE sabota a campanha eleitoral dos partidos

Arbitrariedades envolvendo as candidaturas do Partido da Causa Operária (PCO) deixam claro que a justiça eleitoral brasileira serve para perseguir os direitos do povo

**Redação da
Editoria de Política
DCO**

O período eleitoral, no Brasil, torna as arbitrariedades da justiça eleitoral ainda mais evidentes. Problemas dos mais diversos tipos, por menores que sejam, se transformam em justificativas para que o judiciário casse as candidaturas que vão na contramão de seus interesses. Abre-se, portanto, um verdadeiro

estado de exceção no País. A experiência do Partido da Causa Operária (PCO) nas eleições é, nesse sentido, extremamente esclarecedora. Finalmente, o PCO é um partido revolucionário que representa um perigo à burguesia que, por sua vez, faz de tudo para impedir que sua influência aumente. E, para tal, utiliza justamente a justiça eleitoral que, de justa, nada tem. Vejamos alguns aspectos da ativi-

dade antidemocrática das diversas instâncias da justiça eleitoral no Brasil que foram utilizadas contra o PCO nas eleições deste ano. Em primeiro lugar, para se registrar uma candidatura, é preciso suprir a demanda absurda de documentos, demanda que, além de tudo, varia de estado para estado. Um candidato do Rio de Janeiro, por exemplo, não precisa dos mesmos documentos que um de Brasília.
LEIA NA PÁGINA A3



É preciso denunciar energeticamente a ditadura instaurada pelos tribunais no Brasil. - Foto: Reprodução

A eleição só acaba quando termina

O clima do “já ganhou” é hoje um dos piores inimigos da campanha de Lula. Ele é resultado de uma política completamente errada, que acredita em tudo o que a direita golpista está divulgando nos jornais. “Não precisa sair na rua, não precisa mobilizar, ninguém vai conseguir ultrapassar Lula”, não precisa

sair na rua, agora é paz e amor”. Essas ideias são divulgadas pela imprensa golpista que tem o interesse muito claro de deixar os militantes do PT escondidos, em casa, acreditando que assim vão garantir a vitória de Lula. E a esquerda, como sempre, repete as ideias que a burguesia divulga nos jornais.

O futebol tem uma filosofia própria, e o brasileiro, povo mais apaixonado por esse esporte, entende bem as expressões futebolísticas transpostas para a política. Qualquer brasileiro sabe que o “já ganhou” é o pior inimigo de um time que está em vantagem.
LEIA NA PÁGINA A2

Desde que seja uma luta real
Contra o imperialismo, não importa a cor

Depois da Segunda Guerra Mundial houve uma modificação nas formas que havia de imperialismo, passou-se de uma multiplicidade de polos imperialistas em permanente conflito por um imperialismo coletivo e relativamente unificado, que é o conjunto dos centros do sistema capitalista mundial, ou seja a Triade Estados Unidos, Europa (ocidental e central), e o Japão, com a dominação destes pelos Estados Unidos.
LEIA NA PÁGINA A4

Ela é entreguista

A esquerda brasileira deve deixar de ser tchutchuca dos EUA

A esquerda brasileira tem estado a reboque dos EUA, portanto do imperialismo, há muito tempo. De modo geral, podemos destacar o pacifismo quase infantil que toma conta dos discursos. Ninguém quer ouvir falar em armamento da população, mas quem nos defende do Estado? Ninguém quer ouvir falar em bomba

atômica. Seria ótimo se não existissem armas atômicas, mas elas existem e são importantíssimas para defender o país contra invasores que, convenhamos, estão logo ali. A defesa do meio ambiente é outro tema que boa parte da esquerda cai feito patinho.
LEIA NA PÁGINA B2



É preciso combater a esquerda domestica pelo imperialismo. – Foto: Reprodução

EDITORIAIS



A eleição só acaba quando termina

O clima do “já ganhou” é hoje um dos piores inimigos da campanha de Lula. Ele é resultado de uma política completamente errada, que acredita em tudo o que a direita golpista está divulgando nos jornais. “Não precisa sair na rua, não precisa mobilizar, ninguém vai conseguir ultrapassar Lula”, não precisa sair na rua, agora é paz e amor”. Essas ideias são divulgadas pela imprensa golpista que tem o interesse muito claro de deixar os militantes do PT escondidos, em casa, acreditando que assim vão garantir a vitória de Lula. E a esquerda, como sempre, repete as ideias que a burguesia divulga nos jornais. O futebol tem uma filosofia própria, e o brasileiro, povo mais apaixonado por esse esporte, entende bem as expressões futebolísticas transpostas para a política. Qualquer brasileiro sabe que o “já ganhou” é o pior inimigo de um time que está em vantagem. Qualquer brasilei-

ro sabe que “entrar em campo de salto alto” é o caminho para a derrota mais vergonhosa de um time que é superior ao outro, mas acaba sendo surpreendido pelo sua própria arrogância. A esquerda pequeno-burguesa anda realmente distante do povo. Está com dificuldade de entender o que todo brasileiro compreende: que no jogo você precisa jogar para ganhar, que ninguém ganha com antecedência. Na política deveria ser parecido. É preciso jogar o jogo corretamente. Por isso o grande filósofo do futebol, o ex-presidente do Corinthians, Vicente Matheus, afirmava que o “jogo só acaba quando termina”. Para quem não acompanha o futebol, a frase parece besta, desprovida de inteligência, tautologia rasteira. Mas há um significado importante na frase de Matheus. Não adianta achar que o jogo terminou antes que o juiz apite o seu final. Quem não acompanha o futebol talvez não saiba que um segundo é capaz de mudar o re-

sultado de um campeonato todo. O jogo só está encerrado de fato quando o juiz apita o centro de campo. Vejam que há muito o que aprender no folclore futebolístico brasileiro. Só a esquerda brasileira parece não aprender. E nesse política, a esquerda está se colocando cada vez mais como torcedora e não como jogadora. A esquerda se abstém de jogar o jogo, pois acredita que já ganhou. E o que seria jogar o jogo? É escalar o seu principal jogador, o povo. Precisa transformar o apoio em força real, mobilizada, nas ruas. Precisa chamar o povo a partir para cima do adversário. A esquerda está fazendo pior. Está torcendo para o juiz sem perceber que o juiz já é do time adversário. A campanha de Lula está contando com a sorte. Mas quem conhece futebol sabe que nem sempre a sorte está do seu lado.

O PT pode perder em São Paulo?

Haddad vencerá a máquina eleitoral do PSDB em SP?

POLÍTICA

Com uma fraca campanha e aliado aos políticos mais odiados dos paulistas, que perderam feio as últimas eleições, podemos esperar vitória?

Nas eleições de São Paulo, Fernando Haddad (PT) continua à frente, mas perdendo posições enquanto os “adversários” crescem. Haddad diminuiu as intenções de votos em todos os extratos avaliados, por renda, por idade, escolaridade e região, e manteve a média de intenções apenas na região metropolitana de São Paulo, berço do PT. Na pesquisa Datafolha em São Paulo, solicitada pela Globo e divulgada na última quinta-feira (08), Fernando Haddad (PT) tem 35%, Tarcísio Freitas (Democratas), o candidato de Bolsonaro, 21%, Rodrigo Garcia (PSDB), 15%. Tarcísio Freitas, cresceu de 16% para 21%, Rodrigo, o atual governador, cresceu de 11% para 15% em relação à última pesquisa. Esses “adversários” cresceram em todos os segmentos pesquisados. Destacamos que o candidato do PCO ao governo de São Paulo, Edson Dorta, manteve o índice anterior de 1%, mesmo sem contar com as verbas eleitorais do TSE, que só foram liberadas em dia próximo a este final semana, mostrando que a candidatura é sólida e conta apenas com a colaboração dos simpatizantes da política do Partido. Os demais candidatos, Carol Vigiilar (UP) manteve os 2%, Gabriel Colombo (PCB) cresceu de 1% para 2%, Antonio Jorge (Democracia Cristã), Altino Junior (PSTU), Elvis Cesar (PDT) e Vinicius Poit (Novo) mantiveram os 1%. Brancos e nulos caíram de 17% para 12% e não sabem caiu de

11% para 10%. O eleitorado no estado concentra-se no interior, diferentemente de outros estados. O interior possui 62% dos votos e é majoritariamente acostumado a votar no PSDB. A capital conta com 26,8% e a região metropolitana possui 10% dos eleitores. O PSDB conquistou o governo paulista pela primeira vez em 1994, com Mário Covas, obteve por três vezes a eleição no primeiro turno, com José Serra e Geraldo Alckmin (hoje no PSB) se elegendo em 2010 e 2014, e está aliado de Haddad e do PT nestas eleições. E, finalmente, com João Dória, o autointitulado “bolso-dória”, se elegendo no segundo turno de 2018, mostrando a ascensão da extrema-direita também no estado. Mais uma vez, o PT adotou novamente uma política de conciliação com os piores setores da direita paulista em meio à enorme polarização. O resultado disso, em São Paulo, se deu com a escolha de Márcio França (PSB) como candidato ao senado e da mulher dele como vice de Haddad. Ademais, Alckmin (PSB) como vice de Lula. Tudo isso reflete que o PT entregou para o PSDB suas candidaturas através desse tipo de aliança. Até o momento, com sua campanha extremamente fraca, Haddad pode até mesmo perder apesar do que indicam as pesquisas eleitorais. Todavia, se ganhar, quem terá a vitória será, na realidade, o PSDB, reerguendo um partido que amargou derrota acachapante nas últimas eleições. Em São Paulo, o candidato Alckmin sofreu com 4,76% dos votos, ficando

apenas em quarto lugar em 2018. Assim sendo, se Haddad vencer, o governo não vai ser do PT. Pode ser, inclusive, mais moderado e direitista do que sua prefeitura que, em 2013, se aliou a Alckmin contra os estudantes que se manifestavam contra o aumento das passagens. A candidatura de Rodrigo Garcia, que se diz “paulista raiz”, conta com a maior coligação no estado, a federação do PSDB com o partido Cidadania mais o apoio de União Brasil, MDB, Avante, Patriota, Podemos, PP e o Solidariedade, sendo forte concorrente. De qualquer forma, é o PSDB quem manda na máquina eleitoral de São Paulo, pois governa há 30 anos o Estado. E é o setor do PSDB ligado a Dória, por isso é preciso ficar de olho nessas eleições. O resumo da ópera é que Haddad, mesmo com a adesão do centro político no estado, está vendo seus números despencarem, deixando maior espaço para o segundo colocado, um bolsonarista na figura de Tarcísio de Freitas com números favoráveis, seguido por Rodrigo de Garcia, com uma forte coligação de partidos. Isso até mesmo no interior de São Paulo, que é responsável por 62% dos votos e igualmente em ascensão nos números de votos. Em meio a forte polarização entre os extremos políticos, optar pela conciliação de classes, unindo-se ao centro esvaziado, joga água no moinho do chamado “centrão”, possibilitando a recuperação de sua influência política e abrindo a possibilidade, inclusive, para uma terceira via.

Nesse quadro, é necessário que os partidos de esquerda optem por ficar ao lado do povo, convocando-o a participar ativamente do processo político e a se opor à direita e ao centro que sempre foram aliados do capital e do imperialismo. Só o povo nas ruas será capaz de garantir que um possível governo de esquerda possa se manter, caso contrário, o resultado poderá ser o mesmo de 2016 contra a ex-presidente Dilma Rousseff, o impedimento ao governo, mesmo que seja o estadual. Comícios em locais fechados e com revistas só tendem a afastar o povo trabalhador dos atos públicos, se é que podemos chamar de públicos nessa situação. Coligados com políticos e partidos que o povo não aprova tornam ainda pior a situação, abrindo uma avenida para a derrota eleitoral. Está mais que na hora de mudar a forma de fazer a campanha, afinal, quem poderá defender os políticos e partidos de esquerda é tão somente o povo. Nem a PM e nem o judiciário farão isso de fato. As instituições do governo capitalista não têm o menor interesse na eleições desses políticos em meio a tamanha crise do sistema. É um perigo muito forte para o capital e o mais racional para ele é tentar impedir de todas as formas que sejam eleitos partidos de esquerda. É preciso acabar com governos capitalistas e substituí-los por governos dos trabalhadores o quanto antes. O acirramento da crise é notório e a consequência é que os trabalhadores continuam pagando a conta.

ESCOLHA DOS EDITORES

O caso do PCO

Como o TSE sabota a campanha eleitoral dos partidos

Arbitrariedades envolvendo as candidaturas do Partido da Causa Operária (PCO) deixam claro que a justiça eleitoral brasileira serve para perseguir os direitos do povo

O período eleitoral, no Brasil, torna as arbitrariedades da justiça eleitoral ainda mais evidentes. Problemas dos mais diversos tipos, por menores que sejam, se transformam em justificativas para que o judiciário casse as candidaturas que vão na contramão de seus interesses. Abre-se, portanto, um verdadeiro estado de exceção no País.

A experiência do Partido da Causa Operária (PCO) nas eleições é, nesse sentido, extremamente esclarecedora. Finalmente, o PCO é um partido revolucionário que representa um perigo à burguesia que, por sua vez, faz de tudo para impedir que sua influência aumente. E, para tal, utiliza justamente a justiça eleitoral que, de justa, nada tem. Vejamos alguns aspectos da atividade antidemocrática das diversas instâncias da justiça eleitoral no Brasil que foram utilizadas contra o PCO nas eleições deste ano.

Uma livraria de documentos

Em primeiro lugar, para se registrar uma candidatura, é preciso suprir a demanda absurda de documentos, demanda que, além de tudo, varia de estado para estado. Um candidato do Rio de Janeiro, por exemplo, não precisa dos mesmos documentos que um de Brasília. No Rio, necessita-se de 4 certidões de primeiro grau, as quais são emitidas em 4 distribuidoras de ofício. Ou seja, não é a justiça estadual que fornece uma única certidão, como em alguns estados, algo que já gerou uma série de indeferimentos sobre os candidatos do PCO. Em Curitiba, são 3 certidões de primeiro grau da justiça estadual, além da certidão de segundo grau e outros documentos. Somando-os, um candidato comum teria que tirar por volta de 11 a 12 documentos, que também devem ser aprovados pela justiça eleitoral, já que existem documentos que não possuem fins eleitorais.

Abertura de contas: algumas horas no inferno

É possível produzir um documentário macabro de como os candidatos do PCO foram tratados não só nos cartórios eleitorais, como nas agências bancárias. Alguns bancos não abriram as contas dos candidatos até hoje. Requisitaram o estatuto do Partido, a última ata atualizada e mais uma série de impedimentos que só servem para atrasar o processo. Enquanto isso, outros bancos abriram 6 contas para apenas uma pessoa sem

dar explicação. Além disso, houveram casos de candidatos que não conseguiram abrir suas contas porque o endereço que constava em seu CNPJ não foi aceito pelo banco como um endereço dele, já que não possui comprovante de residência daquele local. Logo, se um camarada mora numa ocupação, em um assentamento, não vai, nunca, abrir uma conta.

O caso especial de Magno Souza

Na última semana, o Tribunal Regional Eleitoral do Mato Grosso do Sul (TRE-MS), aceitando a impugnação do Ministério Público Eleitoral, indeferiu a candidatura de Magno Souza, candidato ao governo do estado pelo Partido da Causa Operária (PCO). Para justificar tal decisão, o judiciário desenterrou um processo que já estava arquivado, que já não tinha punibilidade e que não tinha mandado de prisão, processo que nem constava na certidão de distribuição criminal do candidato. O Partido irá recorrer, mas já deixou claro o tamanho do absurdo que isso representa. Afinal, mostra uma perseguição política muito escandalosa que utilizou como base a autoritária Lei da Ficha Limpa, algo que já ocorreu com as candidaturas do PCO nas últimas três eleições. Enquanto isso, os partidos grandes, que estão cheios de corruptos, de bandidos, como é o caso da União Brasil, do PSDB, MDB, PL, entre outros, contratam, a peso de ouro, uma burocracia para passar por toda essa floresta de normas e, por isso, passam. Ao mesmo tempo, o cidadão que é índio, que não possui condições financeiras favoráveis, fica preso. É o retrato perfeito do famoso dito de um filósofo romano, que diz que “A lei é como uma teia: os grandes passam, mas os pequenos ficam presos nela”.

Uma legislação autoritária

Existem cerca de 6 resoluções do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que restringem como devem ser feitos os registros, a campanha, as fotos do candidato entre outros aspectos puramente burocráticos da campanha. Alguns candidatos chegaram a mandar 6 fotos: de lado, de costas, de braços, com fundo branco, fundo colorido... Todas foram rejeitadas pelo TSE sem uma indicação do que deveria ser feito. Depois disso tudo, ainda tem a questão da prestação de contas. O candidato precisa comprovar como ele fez a campanha já que nada foi

movimentado e ele, por exemplo, não possui dinheiro, como é o caso da maioria das candidaturas do PCO. Esse problema gerou o indeferimento de mais de 4 mil candidaturas em 2020 confirmadas pelo TSE, número que, este ano, deve ser muito maior.

Na prática, tudo é processo

Em outras épocas, existia muita discussão sobre essa verdadeira ditadura por parte do TSE. Entretanto, agora, ninguém denuncia mais nada e são obrigados a aceitar as resoluções, as imposições, os documentos e, de maneira geral, todas as restrições instituídas sobre as eleições. Isso, obviamente, com muita repressão dos juízes em forma de processos. Até mesmo os panfletos de Sérgio Moro foram confiscados porque os nomes dos suplentes não tinham o tamanho de 30% do nome do titular. Bolsonaro recebeu dezenas de representações relativas ao caso do 7 de Setembro. Pediram, inclusive, a quebra do sigilo da conta de seu fundo especial de campanha. Tudo com base na legislação vigente.

A cota de candidaturas femininas... para homens

No Acre, o PCO lançou a candidatura de Maria Leda a Deputada Federal. Entretanto, foi indeferida, pois, segundo o juiz, o Partido não cumpriu o percentual de gênero no estado. Sendo que a legenda lançou *candidatura única*. Ou seja, pela legislação, teria que ter lançado um homem e uma mulher, algo que, na prática, significa uma cota para homens. É importante notar, também, que essa é uma interpretação do TRE do Acre. O do Maranhão, por exemplo, não entende o problema dessa maneira. Em suma, um maluco qualquer inventou que os partidos têm que obedecer a uma cota de mulheres, e toda a esquerda acha isso uma maravilha porque, supostamente, vai libertar a mulher, algo completamente falso. Funciona, antes de qualquer coisa, para dificultar a vida de todo mundo. Tanto é que, depois da cota de mulheres, tiveram que inventar uma outra desculpa, que é perseguir as candidaturas de mulheres que são ditas “laranjas”. Consequentemente, além de ser candidata, você precisa provar que essa mulher fez campanha eleitoral, como se colocar o nome da mulher no pleito fosse crime.

No Brasil, denunciar as

arbitrariedades da justiça tornou-se um tabu

Temos aqui o retrato de um mundo que a maioria das pessoas desconhece, justamente porque ninguém fala sobre isso. A esquerda, quem mais deveria denunciar esses abusos, cala-se e não faz absolutamente nada, como se fosse um tabu. O TSE, assim como o STF (Supremo Tribunal Federal) e o TST (Tribunal Superior do Trabalho), se transformaram em monstruosidades institucionais. Eles praticamente controlam todos os aspectos da vida partidária, impondo milhares de regras sobre o que você pode ou não fazer. Controlam no detalhe, minuciosamente, a própria eleição. Como justificativa, afirmam que tudo serviria para proteger o eleitor quando, na realidade, é justamente o contrário. Acima disso, é uma desculpa para controlar os partidos e seus candidatos.

O país da desgraça

No Brasil, existe uma mentalidade de que tudo é extremamente perigoso. Existe o tráfico de drogas, a pedofilia, a corrupção. Enfim, é um País assombrado pelos mais diversos tipos de monstros sociais. Por conseguinte, é preciso ter leis, regras e normas para impedir que o perigo se materialize. A burocracia deita e rola nessa situação: a pretexto de combater alguma coisa monstruosa e maligna, ela se transforma no único e verdadeiro monstro que existe. O TSE representa exatamente a mesma coisa. As centenas de pendências para que a pessoa possa se candidatar é uma violação do direito do cidadão de ser candidato. Porque para ser candidato, rigorosamente, você precisa ser cidadão brasileiro no gozo dos seus direitos. Aí eles pedem todo tipo de certidão no tribunal não sei do que, você tem que trazer o seu histórico escolar para provar que você não é analfabeto. Em outras palavras, em nome de lutar contra essas monstruosidades, eles criam uma monstruosidade que retira todos os direitos da população. E mais: como a esquerda brasileira é muito atrasada politicamente, não tem noção do que são direitos em uma sociedade burguesa. Então, deixa esses burocratas, esses juízes, passarem a mão em todos os direitos do povo. Principalmente no atual estágio da luta política no Brasil, a esquerda pequeno-burguesa não denuncia todas essas arbitrariedades porque está com medo do Alexandre de Moraes que, no final, se porta como se fosse o D. Pedro III do Brasil e faz o que quer.

Desde que seja uma luta real

Contra o imperialismo, não importa a cor

Crimes contra a soberania nacional: a impunidade do imperialismo que na terra come a natureza e no céu a camada de ozônio, e usa a demagogia ambiental contra os oprimidos

E coa ainda nos dias de hoje o provérbio *O vivo vive do bobo e o bobo de seu trabalho*. De resto, já ninguém diz, porque ninguém acreditaria, *trabalha e prosperarás*. (E.Galeano)

Depois da Segunda Guerra Mundial houve uma modificação nas formas que havia de **imperialismo**, passou-se de uma multiplicidade de polos imperialistas em permanente conflito por um imperialismo coletivo e relativamente unificado, que é o conjunto dos centros do sistema capitalista mundial, ou seja a Tríade Estados Unidos, **Europa (ocidental e central)**, e o Japão, com a dominação destes pelos Estados Unidos, e cada fase dessa dominação é entendida levando em conta as relações entre esse **imperialismo coletivo**. Uma parte da burguesia tenta criar uma nuvem de fumaça escondendo o poderio do imperialismo norte-americano na opressão das nações que tentam fazer suas revoluções necessárias ao desenvolvimento, na prática os Estados Unidos adotam várias ações pontuais em diversas regiões atacando as iniciativas dos povos de conseguir iniciar seu desenvolvimento, e usa as oportunidades mais vis para alcançar esse objetivo. O que é avalizado pelos monopólios de imprensa burguesa espalhados pelo mundo e centralizado na burguesia financeira americana.



Shell e Chevron perfuraram grande parte da bacia do Niger e destruíram todo o delta do Rio

Os Estados Unidos e a Inglaterra destruíram o delta do Rio Níger. Agora, querem destruir a Bacia do Rio Amazonas

As recentes ondas progressistas e direcionamento das massas à esquerda que foram possíveis graças à **instabilidade** e, mesmo, **crise terminal**, que está em andamento na dominação do imperialismo americano, que a crise que ocorre é porque os que estão em cima não conseguem dominar como antes. A crise atual na Ucrânia, sintoma da derrocada da dominação norte-americana, por exemplo, mostra essa análise como incontestável, embora o legado deixado pelo imperialismo nos seus protetorados e colônias ainda vai consumir algumas vidas até se extinguir. O imperialismo estadunidense deixou várias ilhas de ditadores que estão espalhados e agrupando forças para contra-atacar qualquer fagulha

de revolução, recentemente o investimento norte-americano se concentra nos Think Tanks formadores de “intelectuais” que são treinados para atacar lideranças políticas progressistas e partidos de esquerda. Os Estados Unidos, que hoje usam o identitarismo para tentar se apropriar “pacificamente” da Amazônia, na década de 1990, através de duas de suas empresas petroleiras, Shell (subsidiária americana da **inglesa** Royal Dutch Shell e Chevron), destruíram o delta do rio Níger, o que dá uma pista do que seria feito com a Amazônia.



Nativo do povo Ogoni, protestando contra EUA e Inglaterra

O escritor *Ken Saro-Wiwa*, pertencente ao povo *ogoni* da Nigéria, denunciou:

“O que a Shell e a Chevron fizeram ao povo ogoni, às suas terras e aos seus rios, aos seus córregos, à sua atmosfera, chega às raias do genocídio. A alma do povo ogoni está morrendo e eu sou sua testemunha.”

Nos primeiros meses de 1995, o gerente geral da Shell na Nigéria, *Namoke Achebe*, justificou assim seu apoio a uma ditadura militar ferrenha no país:

“Para uma empresa comercial que se propõe a fazer investimentos, é necessário um ambiente de estabilidade (...) As ditaduras oferecem isso.”

Alguns meses depois, a ditadura do regime sanguinário do general Sani Abacha que se instalou na Nigéria, apoiada pelo imperialismo americano, enforcou *Ken-Saro-Wiwa*. O general executava os cidadãos, em média 100 por ano, através de fuzilamento ou enforcamentos que viravam espetáculos públicos. O imperialismo americano fornecia, na época, armas aos militares e aos grupos étnicos que lutavam entre si. Algo parecido com o que fazem **atualmente** no **Iêmen**. O escritor e mais oito *ogonis* foram executados pelos militares apoiados pelo governo americano na região, e a sentença, culpados por lutar contra as empre-



O Rio Amazonas é considerado por muitos o maior rio do planeta. Com quase 7 mil quilômetros de comprimento, uma bacia que ocupa cerca de 40% de toda a América do Sul e uma vazão de 209.000 m³/s (o equivalente à vazão combinada dos sete outros maiores rios do planeta), esse corpo d’água é responsável por 20% de toda água doce despejada nos oceanos diariamente. - Foto: Reprodução

sas que aniquilaram suas aldeias e transformaram suas terras num vasto ermo. Vários outros ogonis foram assassinados pelo mesmo motivo. Praticamente 100% do petróleo produzido na Nigéria fica com as duas petroleiras americanas. A morte de Ken-Saro-Wiwa rendeu um livro e algumas matérias distorcendo o motivo de sua morte e a destruição deixada pelas empresas americanas e inglesas e o comércio de armas americanas na região, porém o que é propagado hoje pelos Think Tanks americanos está bem longe do rastro de sangue deixado pelas intervenções americanas com sua geopolítica genocida nas regiões africanas e asiáticas. O que se ensina aos latino-americanos é como uma ode aos americanos, e sua defesa dos povos nativos, da democracia e a preservação do meio ambiente.



Há vários outros genocídios e destruição ambiental promovidos pelos Estados Unidos e sua tríade imperialista, uma verdadeira gangue de extermínio de gente e ambiente. O que resta à classe trabalhadora é se unir contra esse câncer mundial que é o imperialismo comandado pelos Estados Unidos. Não vão se intimidar com ramos de flores muito menos com discursos de amor. A classe trabalhadora unida é a única que tem força para destruir na base a força do imperialismo. As organizações de esquerda precisam enxergar além do que está sendo mostrado pelas instituições financiadas pelo imperialismo norte-americano. O plano do imperialismo para a classe trabalhadora é a miséria e a

desapropriação. O aumento do desemprego multiplica a delinquência e os salários achatados a estimulam. E o que faz a burguesia financeira americana? estimula e arma os rivais contra eles mesmos nas regiões onde ela aparece decretando a paz e a democracia. O PCO chama com urgência a união de todas as frentes de trabalhadores, movimentos sindicais e sociais e todos os que defendem a independência do Brasil e se colocam contra a dominação imperialista a que unam forças contra o inimigo comum que se esconde atrás de bancos e instituições de promoção de cultura, de paz e tratados de defesa. Esse inimigo tem nome, o imperialismo norte-americano. O imperialismo se prepara com uma campanha para tomar a Amazônia do povo brasileiro. É urgente se levantar contra essa tentativa, chamamos a todos os setores anti-imperialistas que se unam com o PCO, Partido da Causa Operária, no mesmo propósito, destruir pela raiz essa **tentativa de roubar** parte do território brasileiro bem como dos países latinos que têm em seus territórios parte da região amazônica. E que todos os setores da esquerda que sejam submissos ao imperialismo americano que o deixem de ser ou sejam reconhecidos como inimigos da classe trabalhadora.

Questão central: temos que ter absoluta consciência de que a defesa desse programa está ligada a duas coisas: nós defendemos esse programa para agrupar em torno desse programa uma vanguarda revolucionária, quer dizer, militantes conscientes que levem adiante essa luta de modo total e completo consciente, precisamos criar uma organização que seja uma força material, somos uma força que influencia a situação política nacional, é um dado. (R.C.Pimenta)

ELEIÇÕES

Entrevista

"A grande imprensa não é uma opositora ao bolsonarismo"

O Diário Causa Operária (DCO) entrevistou Jonas Carreira, filiado ao PT e formado em história, com pós-graduação em ciências políticas

Nesta segunda-feira (12), o *Diário Causa Operária* (DCO) entrevistou **Jonas Carreira**. Filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), Jonas é formado em História, pós-graduado em ciências políticas e analista político do canal no *YouTube TVC Jornalismo*, além de possuir um canal chamado *Na História TV*. Na ocasião, Jonas discutiu um pouco sobre a importância da história brasileira e, por esse ângulo, sobre o papel do imperialismo e da burguesia, em geral, na deturpação do legado nacional. Confira, abaixo, a entrevista na íntegra:

Diário Causa Operária: primeiro de tudo, o que você pensa sobre os cursos do PCO de uma maneira geral? Sobre a perspectiva marxista do Partido acerca dos mais diversos temas? **Jonas Carreira:** eu sempre fiz elogios à militância do PCO, desde o golpe até os dias atuais. Nesse sentido, vejo os cursos do Partido com importância para a luta, tanto no crescimento moral da militância, quanto na contribuição da luta contra o golpe nas manifestações de rua. A perspectiva marxista que o PCO carrega é alinhada com minha perspectiva de ver a história do País, no sentido de ter a eleição do presidente Lula como o princípio da construção de uma luta revolucionária. Por isso, vejo com relevância os cursos do partido.

DCO: como você acha que o imperialismo interfere no ensino e na promoção da história no Brasil, bem como na historiografia e na pesquisa histórica nacionais?

JC: eu acho que essa interferência é bastante maléfica. Dentro da academia, no curso de história, o acadêmico tem acesso a uma matéria que se chama Teoria da História. A Teoria da História oferece várias ferramentas para que o acadêmico, a partir desse momento, tenha uma concepção de como ele vai olhar a história.

Dentre essas ferramentas, está o materialismo histórico, que é olhar a história do Brasil, a história do mundo, pelo viés marxista. O imperialismo interfere nessa matéria, principalmente nessa teoria, no sentido de não extirpar o materialismo histórico da matriz curricular, mas modificá-lo. Modifica no sentido do acadêmico olhar a história pelo viés marxista mas sem, por exemplo, ter a concepção do que é o imperialismo. Hoje, na academia, falar em imperialismo é quase que uma blasfêmia.

Outra modificação que eu acho muito importante é você colocar algo



Jonas comenta sobre o 7 de Setembro, bem como sobre a infiltração do imperialismo na história do Brasil. – Foto: Reprodução

que eu considero que está, dentro da história do Brasil, da história mundial, em segundo plano, no primeiro plano, como a questão do identitarismo.

Esses dois exemplos são os principais de vários que existem na modificação do materialismo histórico dentro da academia. E é algo bastante maléfico porque o acadêmico não tem noção dessa modificação. Se fosse extirpado, teria mais noção. Como é algo que está lá – o materialismo histórico está dentro dessa matéria, mas modificado –, o acadêmico não tem noção dessa modificação.

Aliás, isso faz parte de uma intervenção imperialista e também de um plano, de um objetivo imperialista de guerra híbrida, outra coisa que é bastante citada como algo blasfemo dentro da academia. É um problema dentro de nosso sistema educacional não só no País, mas em toda a América Latina.

DCO: e você acha que o ensino da história tem sido vítima de descaso por parte do governo em nosso País?

JC: sim. Acho que tem sido vítima de descaso sim não só o ensino de história, mas de todas as humanas. Como eu disse na pergunta anterior, o ensino de história tem sido sucateado e, ao mesmo tempo, distorcido. Não vemos uma história sendo escrita em uma concepção de emancipação da classe trabalhadora, que faz parte do viés do materialismo histórico. Mas vemos uma explicação da história do Brasil voltada somente para a decoreba didática.

Vimos isso no período da Ditadura Militar, em que dava-se valor mais ao simbolismo das datas do que aos acontecimentos sociais que aconte-

ciam em determinado período. Claro que, na Ditadura Militar, a matéria história foi extirpada. Hoje em dia, isso não acontece, mas ela continua sendo mais distorcida em conjunto com o agravamento do descaso.

DCO: uma das principais discussões do atual curso ministrado pelo companheiro Rui é justamente sobre como o revisionismo da história brasileira serve para atacar a soberania nacional e favorecer o imperialismo. Qual a importância que você dá em valorizar a história e a cultura brasileiras?

JC: quando se fala em soberania nacional, também devemos levar em consideração o processo de guerra híbrida pela qual o Brasil está passando. A guerra híbrida, em si, modifica a visão, o olhar da opinião pública e até mesmo de um acadêmico dentro de uma universidade.

Então, temos uma visão hoje de soberania nacional em que, basicamente, a soberania está em um compatriota ter que prestar continência à bandeira do imperialismo estadunidense. Quando tem essa distorção da nossa visão sobre a soberania nacional, com certeza a nossa cultura brasileira vai ser extirpada. E a cultura brasileira, a cultura realmente popular, é uma ferramenta essencial para a emancipação da classe trabalhadora dentro de nosso País. E, com certeza, o estudo da nossa cultura vai dar um aporte para a consciência de classe da classe trabalhadora. Quando um professor entra em sala de aula dando uma aula com um olhar importante para a cultura brasileira, ele vai ser olhado dentro desse processo de guerra híbrida como inimigo da sociedade porque ele vai emancipar a classe trabalhadora, o que é tudo que esse governo, a serviço do imperialismo, não quer. E nós, como militantes da esquerda, temos que ter um olhar diferente e valorizar a cultura brasileira.

DCO: por fim, como você vê os ataques da imprensa burguesa à história do Brasil, principalmente à Independência que, semana passada, completou 200 anos?

JC: o bolsonarismo é a representação do fascismo. Mas nós, como militantes, como estudiosos da história, temos que entender que o fascismo hoje não é o mesmo fascismo da Segunda Guerra Mundial. O bolsonarismo tem um discurso fascista mas, ao mesmo tempo, tem uma agenda econômica neoliberal, algo que não existia naqueles tempos do Mussolini, do Hitler etc.

Quando analisamos o 7 de Setembro que aconteceu agora, por exemplo, que era a comemoração do Bicen-

tenário, vemos que ele foi tomado pelo fascismo brasileiro, pelo bolsonarismo na sua totalidade.

Mas, ao mesmo tempo que o Bolsonaro esbraveja todo o seu fascismo, existe a coordenação de um plano econômico neoliberal. E foi esse plano econômico que construiu o fascismo brasileiro, o neoliberalismo é aliado da grande imprensa. Ou seja, ao mesmo tempo que o neoliberalismo controla o discurso do Bolsonaro no 7 de Setembro, controla a grande imprensa.

Nesse sentido, a grande imprensa se mostra opositora ao discurso do bolsonarismo mas, ao mesmo tempo, aliada ao neoliberalismo. E o neoliberalismo é totalmente contra as comemorações que vão ativar, dentro da sociedade brasileira, alguma espécie de reconstrução da soberania nacional. Essa imprensa vai, com certeza, tentar de todas as formas tornar irrelevante esse espírito de reconstrução da nossa soberania.

Por isso, eu não vejo a grande imprensa como uma opositora ao que aconteceu no 7 de Setembro porque o fascismo, o discurso do bolsonarismo, ele tem o controle dos neoliberais. E quando se fala em neoliberalismo, com certeza a grande imprensa está nessa aliança, e eles vão fazer de tudo para inviabilizar a nossa soberania nacional, que é um sentimento que se constrói dentro dessas datas comemorativas como é o 7 de Setembro.

Para estudar a história nacional sob uma perspectiva verdadeiramente marxista e revolucionária, que valoriza o legado brasileiro e procura explicar, de maneira concreta, o passado de nosso País, não deixe de se inscrever agora mesmo no mais novo curso da Universidade Marxista, *Brasil, 500 anos de história*.

O curso, ministrado pelo Presidente Nacional do Partido da Causa Operária (PCO), parte dos princípios da colonização portuguesa, em 1500, analisando a formação econômica do Brasil antes da chegada de Portugal, até os dias de hoje. Tudo com base na concepção materialista da história, a ferramenta mais importante de toda a doutrina de Marx.

Além disso, você ganha um espaço direto para fazer perguntas ao companheiro Rui acerca dos conteúdos ministrados e de muito mais. Você não pode ficar fora dessa!

Basta visitar o site: <https://universidademarxista.pco.org.br/> e seguir os passos para inscrição. Você também pode entrar em contato com o setor de vendas da Loja do PCO por meio do número **(11) 97999-9687** para saber mais!

POLÊMICA

Ela é entreguista

A esquerda brasileira deve deixar de ser tchutchuca dos EUA

Atacar a história do próprio País, pedir a bênção em Washington e receber dinheiro de ONGs é crime de lesa-pátria



É preciso combater a esquerda domestica pelo imperialismo. – Foto: Reprodução

A esquerda brasileira tem estado a reboque dos EUA, portanto do imperialismo, há muito tempo. De modo geral, podemos destacar o pacifismo quase infantil que toma conta dos discursos. Ninguém quer ouvir falar em armamento da população, mas quem nos defende do Estado? Ninguém quer ouvir falar em bomba atômica. Seria ótimo se não existissem armas atômicas, mas elas existem e são importantíssimas para defender o país contra invasores que, convenhamos, estão logo ali.

A defesa do meio ambiente é outro tema que boa parte da esquerda cai feito patinho. Os grandes países imperialistas vivem falando de ‘mudanças climáticas’, o tempo todo se ouve sobre isso na grande imprensa. Toda hora está ocorrendo uma conferência, um encontro, uma cúpula, um não sei o quê sobre as mudanças climáticas. E, pasmem, tudo aponta para a Amazônia.

As grandes potências estão realmente preocupadas com o meio ambiente e o clima? Perfeito, comecem a recuperar a natureza que destruíram nos próprios territórios, deixem que a Amazônia a gente cuida. Se o clima ameaça a humanidade, os primeiros culpados são os países imperialistas, e são os últimos a ter qualquer direito de opinar sobre o assunto, pois já provaram que são totalmente incompetentes para gerir recursos naturais.

Matriz energética

Outro assunto que vem na esteira das ‘mudanças climáticas’ é a tal da mudança da matriz energética para o uso de ‘energias verdes’. A demagogia nesse tema é enorme. Para começar, o uso de energia solar, ou eólica, podem entrar como componentes de um sistema já existente, ou seja, complementar, nunca substituto, não nos dias atuais. Uma prova de que nem o imperialismo acredita nisso, é que, com o conflito na Ucrânia e desabastecimento do gás e petróleo russos, toda a Europa deixou bem claro que produz sua energia a partir da queima de combustíveis fósseis.

Os tais ‘carros elétricos’, para começar, são caríssimos. Na Europa, para recarregar as baterias desses carros será necessário utilizar energia elétrica produzida pela queima de combustíveis fósseis! Sem falar no descarte das baterias após seu desgaste. Não deve ser nada ‘ecológico’.

Porém, a esquerda não critica, aceita essa onda de ‘mudança climática’ e ‘energia verde’ sem olhar para a realidade, sem questionar se as grandes potências estão realmente investindo em preservação em energias alternativas. Não, não estão fazendo nada além de demagogia.

Internacionalizar a Amazônia

Com a desculpada das ‘pautas climáticas’, o que imperialismo está fazendo é criar condições favorá-

veis para que todos aceitemos que a Amazônia, mais da metade do território brasileiro, fique sob uma jurisdição internacional. A própria Marina Silva, uma esquerda Itaú, se aproximou da candidatura Lula dizendo que seu apoio está condicionado à criação de uma **Autoridade Climática** no governo. Ou seja, quer criar um poder paralelo na Amazônia para gradualmente passá-la para o controle do imperialismo e para o sistema financeiro.

Gustavo Petro, presidente recém-eleito da Colômbia e etiquetado como sendo de esquerda, embora não o seja, já está propondo que o exército dos EUA defenda a Amazônia colombiana das queimadas... interessante, acabamos de descobrir que o exército ianque é formado por bombeiros. O exército americano é tão competente que, apesar das sete bases militares (conhecidas) no país vizinho para combater o narcotráfico, a produção de drogas nunca foi tão alta. Precisamos investigar para vermos se são mesmo bases militares ou laboratórios de refino de coca.

A igreja da esquerda

Outro comportamento da esquerda é o religioso. Basta qualquer marginal político se dizer arrependido de seus crimes do passado, prometer se comportar e rezar três ave marias e está tudo certo. Não se fala mais nisso, somos todos paz e amor. A lista de delinquentes é quase interminável. Reinaldo Azevedo, o jornalista tucano que inaugurou o tal ‘discurso de ódio’ no Brasil, que perseguiu implacavelmente Lula e Dilma, que criou os termos ‘petralha’, ‘esquerdopata’; esse sujeito que destilava seu veneno para milhões de pessoas diariamente na grande imprensa, como a revista Veja, se tornou o queridinho, não lhe faltam convites para dar entrevistas e palpite sobre política. É uma vergonha! Gabriel Boric é outro. Foi festa na esquerda a vitória eleitoral de um indivíduo que criticava Venezuela, Cuba, Nicarágua. Um sujeito que desviou do assunto de libertar os presos políticos das manifestações contra o governo criminoso de Piñera e até agora não fez nada para tirar essas pessoas da prisão.

Gustava Petro, que mesmo com boa vontade não poderia ser classificado como esquerda, apesar de ter sido, já mostrou suas garrinhas, como vimos acima, fazendo o jogo do imperialismo, é um governo no bolso do grande capital.

Alberto Fernández, presidente da Argentina, e homem de confiança dos banqueiros foi comemorado

como sendo de esquerda. Sua gestão está mostrando o quanto é de ‘esquerda’, pois o que mais tem feito é penalizar a população trabalhadora. O pior caso, sem dúvida, é o de Joe Biden. Bastou esse criminoso colocar uma mulher negra na vice-presidência, uma pessoa trans não sei onde, um índio em alguma secretaria e pronto. A esquerda brasileira nem dormia com medo do sujeito perder a eleição para Donald Trump. O resultado é que o mundo está à beira de uma guerra mundial. Rússia e China estão sendo provocados de maneira aguda. Além dos gastos estratosféricos com armas enquanto a população pobre continua pagando o pato nos EUA.

Barrar o imperialismo

Não se pode barrar o imperialismo sem uma política independente. Boa parte da esquerda tem recebido financiamento de fundações imperialistas que, muitas das vezes, não passam de fachada da CIA. É uma enormidade de ONGs que vivem desse dinheiro que só pode ter o propósito de domesticar a esquerda. Ou será que o grande capital é tão obtuso que financiaria grupos que de fato pudessem prejudicá-lo.

Por isso, não adianta se iludir com indígenas de cocar se estão recebendo dinheiro de banqueiros e do imperialismo. Muitos dos detratores da nossa história são pessoas que fizeram parte da formação acadêmica fora do país e se encantaram com o império. É preciso bater de frente com essa gente.

Enquanto a esquerda não se desvencilhar dessa subserviência ao grande capital e deixar de lado esse moralismo religioso que a impede de combater os infiltrados, continuará a acumular derrotas.

A esquerda tem que lutar contra o imperialismo, defender os países por ele atacados, como Cuba, Venezuela, Afeganistão, Nicarágua, Palestina, Rússia etc. Temos que defender a soberania nacional, o direito de os povos se armarem contra os ataques do capital. Ainda que possamos divergir de certos aspectos do Talibã, por exemplo, no essencial, que é a luta contra o imperialismo, temos que estar juntos. E é preciso comemorar a vitória desse grupo contra os invasores e não lamentar, como fez a esquerda domesticada. É necessário expulsar essas ONGs infiltradas no nosso meio, só na Amazônia já são mais de dez mil atuando, ensinando inglês para os nossos indígenas, impedindo qualquer desenvolvimento na região e fazendo o jogo do grande capital.